



1700º ANO DO CONCÍLIO DE NICÉIA E 60º ANO DO ENCERRAMENTO DO CONCÍLIO VATICANO II DOSSIÊ Nº 2

doi: [10.25247/paralellus.2025.v16n39.p525-546](https://doi.org/10.25247/paralellus.2025.v16n39.p525-546)

ENTRE A SÚPLICA E O DECRETO: PERSPECTIVAS PENTECOSTAIS E NEOPENTECOSTAIS SOBRE A ORAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE

BETWEEN SUPPLICATION AND DECREE:
PENTECOSTAL AND NEO-PENTECOSTAL PERSPECTIVES ON PRAYER
IN CONTEMPORARY TIMES

TRA SUPPLICA E DECRETO:
PROSPETTIVE PENTECOSTALI E NEOPENTECOSTALI SULLA
PREGHIERA NELLA CONTEMPORANEITÀ

*Edjaelson Pedro da Silva**

*Mary Katherine Araujo de Souza***

RESUMO

Este artigo examina a oração como fenômeno teológico, fenomenológico e linguístico na tradição cristã, articulando três eixos interpretativos: a teologia bíblica da oração de Brandt e Bicket, os ensinamentos de Jesus nos Evangelhos e a doutrina da confissão positiva de Kenneth E. Hagin. O estudo reconhece a rica pluralidade do pentecostalismo e neopentecostalismo, sublinhando que a compreensão da oração e da “confissão” transcende a sistematização de Hagin, com abordagens que enfatizam a soberania divina (Gordon Fee) ou a adoração experiencial (Hillsong). A análise inicial desdobra a oração como prática

* Doutor em Ciências da Religião no PPG-CR da Universidade Católica de Pernambuco, UNICAP (2017). Doutorando em Direito pela UNICAP (2025) com Bolsa do CNPQ. Professor de Direito Constitucional no Centro Universitário Brasileiro, UNIBRA. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0552989061939390>. E-mail: e.petrossilva@gmail.com.

** Doutora em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco (2025). Mestre em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Pernambuco, UFPE (2006). Bacharel em Teologia pelo Seminário Pentecostal do Nordeste, STPN (2019). E-mail: kathsouza@yahoo.com.br.

525

Paralellus, Recife, v. 16, n. 39, jul./dez. 2025, p. 525-543

Esta obra está licenciada sob uma licença Creative Commons

Enviado: 11-2025 * Aprovado: 12-2025



universal e estrutura simbólica, com seus elementos constitutivos. Contudo, pondera que a “perda de sentido” da adoração em alguns círculos neopentecostais é contrabalanceada por vertentes que mantêm a adoração como uma experiência intensa e transformadora. Em seguida, o artigo discute as orientações de Jesus sobre a oração como relação filial. Ao confrontar o modelo devocional clássico com as instruções de Hagin sobre a “linguagem de poder” e a infalibilidade dos “sete passos”, o texto introduz contrapontos. Outras vertentes pentecostais (Cecil M. Robeck Jr.) enfatizam a dependência da soberania divina, enquanto a fé é vista (Walter Hollenweger) como não anuladora do sofrimento. A rigidez da “recusa à dúvida” de Hagin é nuancada pela ideia de que a incerteza pode aprofundar a fé (Amos Yong). A investigação conclui que, apesar da busca comum pelo Mistério, a alegada “convergência” entre as perspectivas é complexa e revela tensões teológicas e fenomenológicas significativas sobre soberania divina, agência humana, sofrimento e a natureza da “resposta” à oração, enriquecendo o entendimento da fé carismática contemporânea.

Palavras-Chaves: Oração, Teologia, Fenomenologia, Confissão Positiva, Pentecostalismo, Neopentecostalismo, Soberania Divina, Fé Carismática.

ABSTRACT

This article examines prayer as a theological, phenomenological, and linguistic phenomenon within the Christian tradition, articulating three interpretive axes: Brandt and Bicket's biblical theology of prayer, Jesus' teachings in the Gospels, and Kenneth E. Hagin's doctrine of positive confession. The study acknowledges the rich plurality of Pentecostalism and Neopentecostalism, highlighting that the understanding of prayer and 'confession' transcends Hagin's systematisation, with approaches emphasising divine sovereignty (Gordon Fee) or experiential worship (Hillsong). The initial analysis unfolds prayer as a universal practice and symbolic structure, with its constituent elements. However, it notes that the 'loss of meaning' in worship within some Neopentecostal circles is counterbalanced by currents that maintain worship as an intense and transformative experience. Next, the article discusses Jesus' guidelines on prayer as a filial relationship. By contrasting the classical devotional model with Hagin's instructions on 'power language' and the infallibility of his 'seven steps', the text introduces counterpoints. Other Pentecostal strands (Cecil M. Robeck Jr.) emphasise dependence on divine sovereignty, while faith is viewed (Walter Hollenweger) as not negating suffering. Hagin's rigid 'refusal to doubt' is nuanced by the idea that uncertainty can deepen faith (Amos Yong). The investigation concludes that, despite a common quest for the Mystery, the alleged 'convergence' between perspectives is complex, revealing significant theological and phenomenological tensions regarding divine sovereignty, human agency, suffering, and the nature of 'answer' to prayer, thus enriching the understanding of contemporary charismatic faith.

Keywords: Prayer, Theology, Phenomenology, Positive Confession, Pentecostalism, Neopentecostalism, Divine Sovereignty, Charismatic Faith.

RIASSUNTO

Questo articolo esamina la preghiera come fenomeno teologico, fenomenologico e linguistico all'interno della tradizione cristiana, articolando tre assi interpretativi: la teologia biblica della preghiera di Brandt e Bicket, gli insegnamenti di Gesù nei Vangeli e la dottrina della confessione positiva di Kenneth E. Hagin. Lo studio riconosce la ricca pluralità del Pentecostalismo e del Neopentecostalismo, sottolineando come la comprensione della preghiera e della 'confessione' trascenda la sistematizzazione di Hagin, con approcci che enfatizzano la sovranità divina (Gordon Fee) o il culto esperienziale (Hillsong). L'analisi iniziale delinea la preghiera come pratica universale e struttura simbolica, con i suoi elementi

costitutivi. Tuttavia, osserva che la 'perdita di significato' nel culto all'interno di alcuni circoli neopentecostali è bilanciata da correnti che mantengono il culto come un'esperienza intensa e trasformativa. Successivamente, l'articolo discute le indicazioni di Gesù sulla preghiera come relazione filiale. Mettendo a confronto il modello devozionale classico con le istruzioni di Hagin sul 'linguaggio di potere' e l'infallibilità dei suoi 'sette passi', il testo introduce contropunti. Altri filoni pentecostali (Cecil M. Robeck Jr.) enfatizzano la dipendenza dalla sovranità divina, mentre la fede è vista (Walter Hollenweger) come non negante la sofferenza. La rigida 'rifiuto al dubbio' di Hagin è sfumata dall'idea che l'incertezza possa approfondire la fede (Amos Yong). L'indagine conclude che, nonostante una ricerca comune del Mistero, la presunta 'convergenza' tra le prospettive è complessa, rivelando significative tensioni teologiche e fenomenologiche riguardo alla sovranità divina, all'azione umana, alla sofferenza e alla natura della 'risposta' alla preghiera, arricchendo così la comprensione della fede carismatica contemporanea.

Palavras clave: Preghiera, Teologia, Fenomenologia, Confessione Positiva, Pentecostalismo, Neopentecostalismo, Sovranità Divina, Fede Carismática.

1 INTRODUÇÃO

A lei da oração determina a lei da crença [*legem credendi lex statuat supplicandi*]. O lema latino *lex orandi, lex credendi* (o modo de orar determina o modo de crer) (McGrath, 2014, p. 72).

A oração constitui uma prática universal presente praticamente em todas as tradições religiosas conhecidas. A noção de uma divindade suprema e a consequente comunicação com esta, por meio da oração, são elementos fundamentais e intuitivos da experiência religiosa humana. A oração é “um dos eventos centrais da vida religiosa” (MAUSS apud CROATTO, 2010, p. 376), tratando-se de uma das características essenciais do fenômeno humano que tem a ver com sua capacidade inata de se relacionar com o transcendente.

A etimologia do termo oração remete ao campo da linguagem. Derivada do latim *oratio* cujo significado original traz o sentido de “discurso” ou “fala solene”, no verbo *orare* já identificamos o sentido de “falar” e “suplicar” (SILVA, 2012, p. 94) como um indício de uma intenção comunicativa e existencial: falar diante de alguém, dirigir-se a um outro. Essa dimensão que Norbert Elias identifica como “fala que acontece diante do divino” (2005, p. 88), adquire, em Brandt e Bicket, um contorno teológico mais profundo. Para os autores, a oração é, antes de tudo, um evento de comunicação entre Deus e o homem, “uma troca de ideias entre Deus e o seu povo” (BRANDT; BICKET, 2007, p.

19). A linguagem, nesse contexto, não é apenas veículo, mas meio da presença — é o lugar onde o transcendente — o divino — se revela e o humano responde.

Entre culturas ditas primitivas ou consideradas pagãs, onde os conceitos podem se apresentar de maneira rudimentar ou até mesmo brutal, observa-se a presença de formas diferentes de oração, o que demonstra seu enraizamento nas estruturas simbólicas e institucionais da humanidade. Heiler, ao descrever a oração como “o coração de toda religião” (1932, p. xv), não apenas identifica um fenômeno comum, mas propõe uma chave hermenêutica para o sagrado: a oração é o ponto em que o espírito humano toca o Espírito divino.

Tal universalidade, que transcende formas rituais e instituições, encontra eco na teologia de Brandt e Bicket. Para eles, a oração é o meio pelo qual o homem participa da vida de Deus — um ato em que a consciência humana se eleva e, simultaneamente, abre-se para a ação do Espírito. Enquanto Heiler fala da oração como “movimento da alma religiosa”, Brandt e Bicket descrevem-na como intercâmbio de ideias e vontades entre Deus e o Seu povo (2007, p. 19), revelando o mesmo dinamismo de encontro e transformação.

No âmbito das tradições judaico-cristãs, a oração assume centralidade tanto no Antigo Testamento quanto no Novo Testamento, constituindo-se como tema recorrente e fundamental ao longo de toda a narrativa bíblica. Conforme reconhecido por diversas abordagens teológicas e antropológicas, a oração inscreve-se entre as mais antigas manifestações do espírito humano, evidenciando não apenas sua persistência histórica, mas também sua importância enquanto expressão do anseio metafísico da humanidade por transcendência e sentido.

No contexto do cristianismo ocidental, a oração é o principal ato de devoção da criatura ao seu criador, onde se pode inferir que o primeiro registro dessa comunicação acontece no livro de Gênesis 1:28 “Deus os abençoou e lhes disse: ‘Sede fecundo, multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a; dominai sobre os peixes do mar, as aves do céu e todos os animais que rastejam sobre a terra’” (BÍBLIA, 1998, p. 35). Nessa passagem, o Deus cristão toma a iniciativa de se comunicar com a humanidade, dirigindo-lhes a palavra, para que esta tomasse conhecimento de Sua vontade e participasse de Seu propósito criador.

Ainda que não seja possível identificar, nesse ponto inicial da história bíblica, a oração nos moldes em que a concebemos hoje, percebe-se, naquele ponto, o surgimento do “falar” como um viés de comunicação. Brandt e Bicket (2007, p. 18) interpretam esse movimento primordial como uma transmissão de informações públicas ou privadas dos seres humanos para Deus, evidenciando que a oração nasce do impulso relacional inscrito na própria estrutura da criação. Nesse sentido, a fala dirigida ao divino não é apenas expressão verbal, mas ato simbólico que traduz a consciência de estar diante de uma presença transcendente.

Para William Brede Kristensen, em um horizonte epistemológico complementar, cabe ao pesquisador adotar, como ponto de partida epistemológico, a crença dos sujeitos religiosos compreendendo o fenômeno não de fora, mas de dentro; como experiência vivida de fé e comunicação (1960, p. 12, tradução nossa). Nessa linha, enquanto Brandt e Bicket descrevem a oração como ato comunicativo — o homem que fala a Deus—, Kristensen adverte que esse falar só pode ser compreendido em sua plenitude quando o pesquisador reconhece a intencionalidade religiosa que o sustenta.

Diante do escopo introducional, o presente estudo pretende analisar, dentro de um contexto considerado pós-moderno, o fenômeno religioso oração em uma perspectiva teológico-fenomenológico e linguístico-devocional, na tradição cristã, à luz das teorias fundamentais apresentadas pelos autores Brandt e Bicket, articulando-as com a doutrina da confissão positiva de Kenneth Erwin Hagin (1917-2003), considerado como o maior propagador desta e indubitavelmente um dos mais destacados do século XX. Contudo, é crucial reconhecer que, mesmo dentro do vasto espectro do pentecostalismo e neopentecostalismo, a compreensão da oração e da 'confissão' apresenta nuances significativas que vão além da sistematização de Hagin. Diversas correntes e líderes, como Gordon Fee (para uma hermenêutica pentecostal mais centrada na soberania divina) ou figuras ligadas ao pentecostalismo clássico (que priorizam a experiência do Espírito Santo como dom, em vez de uma ferramenta de controle), oferecem abordagens que, embora partilhem do foco na experiência e na agência divina, podem divergir quanto à centralidade da 'declaração criativa' ou à relação com o sofrimento e a soberania de Deus. Esta pesquisa, ao focar em Hagin, pretende, portanto, explorar uma vertente específica e altamente influente, mas sem

ignorar a rica pluralidade de expressões oracionais e teologias da oração dentro destes movimentos.

A metodologia utilizada é de natureza qualitativa de caráter teórico-documental e fenomenológico com sua base em fontes bíblicas, teológicas e fenomenológicas analisando-as comparativamente ao modelo bíblico-fenomenológico de Brandt e Bicket e a teologia da confissão positiva. Ele concilia a descrição fenomenológica da oração — como experiência vivida e simbólica — com a interpretação teológica de seus significados. Não se busca comprovação empírica, mas compreensão e sentido, conforme os princípios de pesquisas qualitativas em Ciências da Religião.

2 TERMOS ASSOCIADOS À ORAÇÃO

A oração é a expressão íntima da experiência religiosa, é um ato de devoção a Deus, uma vez que entendemos a devoção como um ato de dedicação a alguém. Ela pressupõe que exista uma relação estabelecida entre a criatura e sua divindade, no caso do cristianismo, o fiel e Deus. Para determinados indivíduos, a oração manifesta-se como uma prática tão intrinsecamente natural que prescinde de fundamentação teológica explícita. Todavia, há aqueles que reconhecem, no contexto contemporâneo, a necessidade de sua revalorização, enquanto outros ainda nutrem incertezas quanto à sua eficácia ou mesmo quanto à sua relevância existencial e espiritual.

Mediante o exposto, torna-se pertinente destacar, neste primeiro momento, a existência de cinco expressões fundamentais associadas à prática devocional da oração. São elas: adoração, comunhão, confissão, contrição e petição. A palavra adoração, do hebraico *הָנַח* (*sāhāh*), engloba um conceito vital no que se refere à oração. A ela estão associados termos como “adorar”, “prostra-se” e “curvar-se”. Trata-se da expressão mais usada, no Antigo Testamento. No que tange ao Novo Testamento, destacam-se duas expressões particularmente significativas no âmbito da prática devocional: *λατρεία* (*latreía*) — “servir”, “fazer homenagem religiosa” ou “fazer culto religioso” — *ε, προσκυνέω* (*proskynéō*) — “fazer mesura”, “reverenciar a”. Este último se trata de um termo mais frequente com significado de “adorar”.

No entendimento de Brandt & Bicket (2007, p. 18), a adoração não nasce da necessidade, mas do reconhecimento. O coração do adorador não busca recompensas, mas responde à revelação divina. Dessa maneira, a oração genuína se inicia com o olhar voltado para Deus e não para as próprias carências humanas; entretanto, as mudanças ocorridas neste século implicaram nesta perda de sentido, para uma parcela dos cristãos neopentecostais, as quais a exposição será efetuada adiante. Contudo, é relevante notar que, para outras vertentes pentecostais e neopentecostais, a adoração mantém sua centralidade, embora possa ser recontextualizada ou expressa através de formas carismáticas intensas. Por exemplo, em movimentos como o avivamento de Toronto ou a Igreja Hillsong, a adoração é frequentemente permeada por manifestações espontâneas do Espírito (como riso, choro ou dança), buscando uma experiência de total entrega e celebração da majestade divina. Nesses contextos, a adoração ainda é o ponto de partida para a oração, mas ela se manifesta mais como um 'derramar-se' em Deus, uma rendição do ser, do que como uma preparação para a 'declaração'. A 'perda de sentido' percebida em alguns círculos pode, em outros, ser reinterpretada como uma redefinição ou intensificação da experiência de culto, onde o reconhecimento divino transcende a verbalização e se manifesta no corpo e nas emoções.

O segundo termo, comunhão, transmite a ideia de pessoas comungando com Deus. Uma aplicação significativa desse vocábulo pode ser observada na passagem deÊxodo 25.22 quando Deus fala com Moisés. A expressão “virei a ti” seguida de “falarei contigo” é uma tradução literal da palavra hebraica *דָבַר* (*davar*), cujo sentido comum é exatamente “falar” ou “proferir palavras”. Quando dois seres estabelecem uma comunhão, eles se reúnem e falam. Nesse contexto, a oração manifesta-se como expressão privilegiada da comunhão, uma vez que, sob a perspectiva semântica do termo hebraico *davar*, tal relação implica uma troca relacional: o ser humano dirige-se a Deus por meio da palavra, e Ele, por sua vez, responde. Trata-se, portanto, de um intercâmbio espiritual no qual a linguagem se torna mediação da presença e da relação com o sagrado.

Nessa perspectiva “a oração é uma troca de informações e ideias entre Deus e o seu povo” (Brandt; Bicket, 2007, p. 19). Importante destacar que a forma pela qual Deus se comunica está mediada pela revelação contida no texto “sagrado”. Portanto,

registra-se que esse “falar” não pode ser apenas compreendido como um modo intuitivo (ouvindo, sentindo algo); na realidade, ele precisa ser apreendido como expressão sagrada, no caso, como adoração¹. Cumpre tecer ainda que a oração e os textos sagrados estão relacionados, uma vez que, religiosamente falando, a prática da oração me conduz a prática da leitura dos textos.

A terceira expressão, de igual importância, é a confissão. A Confissão, de acordo com Brandt e Bicket “é o reconhecimento de um fato acerca de si próprio ou de outrem. Ela tanto pode ser o desvendar dos pecados pessoais, num ato de contrição, como uma afirmação da grandeza e bondade de Deus” (2007, p. 20). Os significados encontram-se tanto na língua hebraica quanto na grega. No Antigo Testamento, os dois termos mais comuns são: 1. תְּהִלָּה (*todah*) cujo significado é confessar. 2. יַדָּה (*yadah*) significando confessar, agradecer, reconhecer, louvar. No Novo Testamento, o termo principal para a palavra confissão é ομολογία (*homologia*) — confessar, assentir, concordar, admitir, homologar. No que concerne a religiosidade, confessar nosso pecado significa que estamos concordando com Deus acerca dele; é olhar para dentro de nós, para o nosso interior corrompido.

Nessa perspectiva, a confissão emerge como linguagem de verdade, onde a palavra humana reflete a Palavra divina. O ato de confessar é, por si, uma oração em que o sujeito reconhece seu descompasso com o divino e, ao fazê-lo, reinsere-se na harmonia da criação. Essa dimensão dialoga de modo fecundo com a experiência de Agostinho de Hipona (354–430) relatada na obra *Confissões*. Nesse escrito autobiográfico, o bispo de Hipona narra para Deus todos os seus pecados, basicamente, de toda sua vida; tudo que não o agradava, bem como os caminhos percorridos na busca pela verdade. No Livro X, Capítulo 27, observa-se de maneira clara a inter-relação entre confissão e oração, conforme se evidenciará a seguir:

Tarde te amei, beleza tão antiga e tão nova, tarde te amei! E eis que estavas dentro de mim e eu fora, e aí te procurava; e eu, sem beleza, precipitava-me nessas coisas belas que tu fizeste. Tu estavas comigo e eu não estava contigo. Retinham-me longe de ti aquelas coisas que não seriam, se em ti não fossem. Chamaste, e clamaste, e rompeste a minha surdez; brilhaste, cintilaste, e afastaste a minha cegueira;

¹ MARTIN, Ralph P. (2012, p. 16) explana a origem da palavra adoração no viés da origem do latim *adotario* (-onis), formada a partir da junção do prefixo *ad-* com o vocabulário *oratio*, “fala”, “discurso”, oração.

exalaste o teu perfume, e eu respirei e suspiro por ti; saboreei-te, e tenho fome e sede; tocaste-me, e inflamei-me no desejo da tua paz (AGOSTINHO, 1999, p. 233).

A confissão, portanto, não é mera admissão de culpa; mas uma afirmação de fé e alinhamento com a Palavra divina. Ao confessar, o orante reconhece tanto sua fragilidade quanto a fidelidade a Deus em um movimento de retorno a conciliação.

Outro vocábulo relevante é contrição. Brandt e Bicket (2007, p. 22) afirmam que “a contrição é o ato de alguém se lamentar e realmente entristecer-se pelos próprios pecados ou delitos”. Derivado do termo hebraico **דָקַק** (*dakkā*), a palavra carrega os sentidos de “esmagado”, “ferido”, “contrito”, remetendo à imagem de um espírito quebrantado (BROWN; DRIVER; BRIGGS, 1997, p. 529). Na *Suma Teológica*, Tomás de Aquino apresenta a contrição como um componente fundamental no processo de arrependimento e reconciliação com Deus. Segundo o autor, “a contrição é a dor da alma e a detestação do pecado cometido, com o propósito de não mais pecar” (AQUINO, 2001, p. 5). Implica ainda no reconhecimento da própria culpa, na dor moral diante dos pecados e na tristeza pelos atos de transgressões cometidos quando implora a Deus por sua misericórdia.

Por fim, temos a petição que integra igualmente o conjunto de elementos complementares que compõem o arcabouço teológico da oração. A petição é um pedido intenso (Brandt; Bicket, 2007, p. 22). No Antigo Testamento, quatro diferentes vocábulos hebraicos são usualmente transliterados por “petição”, destacando-se entre eles **תְּהִנָּה** (*tehinnah*) e **תַּהֲנוּן** (*tahnun*), os quais compartilham a mesma raiz semântica — **הָנָן** (*hānan*). Esses termos são frequentemente traduzidos por “pedido”, “súplica” ou “clamor por misericórdia” (BROWN; DRIVER; BRIGGS, 1997, pp. 843-844), denotando uma atitude de dependência e humildade diante da divindade.

O corpus neotestamentário apresenta três palavras gregas empregadas para expressar o sentido de petição: **δέησις** (*deēsis*) que denota uma súplica urgente, **ἐμφανίζω** (*emphanízō*), com sentido de “tornar conhecido” ou “apresentar um pedido” e **ἱκετηρία** (*hikētēria*), termo que aparece com menor frequência e está ligado a pedidos solenes; em determinado contextos como uma expressão de súplica formal diante de Deus. Um exemplo de *hikētēria* se encontra 2 coríntios 12:8 “A esse respeito

três vezes pedi ao Senhor que o afastasse de mim” (BÍBLIA, 1998, p. 2029) — caracterizando uma súplica fervorosa e persistente.

No horizonte teológico delineado por Brandt e Bicket, os termos assessorios adoração, comunhão, confissão, contrição e petição são rituais sagrados dentro da prática da oração cujo fenômeno religioso encontra sentido quando o *homo religiosus* entende a significação desse fato em sua vida. Na busca do ser humano em se relacionar com o transcendente, a oração refere-se a esta capacidade. De todas as criaturas de Deus somente os seres humanos oram (BRANDT e BICKET, 2007, p. 30). Ela é uma das formas de devoção ao sagrado na religião cristã e, no mundo pós-moderno, sofreu mudanças significativas quanto aos aspectos. Da época da igreja primitiva a atualmente, o *modus operandi* da oração foi extremamente modificada.

3 OS ENSINAMENTOS DE JESUS QUANTO À ORAÇÃO

Nos relatos neotestamentários, observa-se com clareza que Jesus de Nazaré, ao praticar o ato devocional da oração, dirigia-se exclusivamente a Deus, identificado na tradição cristã como o Pai. Não há registros nos Evangelhos de que suas súplicas tenham sido direcionadas a qualquer outra entidade. Tal direcionamento é exemplarmente evidenciado em Mateus 11:25, no qual se lê: “Aba, Pai”. A reiterada confiança de Jesus na escuta divina é reforçada por sua declaração em João 11:41-42: “Retiraram, então, a pedra. Jesus ergueu os olhos para o alto e disse: ‘Pai, dou-te graças porque me ouvistes. Eu sabia que sempre me ouves’”, demonstrando uma convicção plena de que suas orações eram eficazes e acolhidas.

Brandt e Bicket (2007, p. 186) observam que não há instruções sobre a oração mais significativa e esclarecedora do que as realizadas por aquele que orava com tanta eficácia; conforme João 11:42. A declaração cristológica “Eu sou o caminho... Ninguém vem ao Pai, a não ser por mim” (Jo 14:6), aplica-se não só à salvação, mas também à dinâmica da oração, como reforçado em Hebreus 10:19-20. Essa mediação é exclusiva e inegociável. Ainda, o livro de 1 Timóteo 2:5 atesta que ninguém pode aproximar-se de Deus através de outro nome. Deste modo, orar “em nome de Jesus” implica mais do que uma fórmula verbal — exige conformidade com sua natureza, vontade, atributos e missão revelada.

Dentro deste horizonte teológico, Moltmann (2002, p. 238) assevera que “a oração cristã não é simplesmente uma conversa com Deus, mas participação no movimento trinitário do amor divino, no qual o Filho ora ao Pai no poder do Espírito Santo”. A oração, portanto, é um ato de inserção no dinamismo da comunhão trinitária, mediado por Cristo e orientado ao Pai, o que exige do devoto uma disposição de conformidade com a vontade divina.

Mediante o exposto, é possível, afirmar que o próprio Cristo ofereceu instruções claras quanto à prática da oração. Àqueles que aspiram receber respostas efetivas às suas súplicas, segue a primeira orientação: *Recebendo o que pedimos*. Em João 15.1-11, encontra-se, uma das promessas mais abrangentes e enfáticas para quem almeja alcançar respostas às suas orações: “Pedi o que quiserdes, e vos será feito” (Jo 15:7). Mas há condições. Existe uma chave que deve ser usada para obtermos a certeza de que alcançaremos as petições que fazemos: “Se vós estiverdes em mim, e as minhas palavras estiverem em vós”. “Estar” é a palavra de maior efeito em João 15.7. Esse verbo deriva-se do grego *μένω* (*ménō*) e significa “permanecer” (num determinado lugar, estado ou relacionamento). O verbo *in loco* fala do relacionamento que deve existir entre o cristão e o próprio Jesus — uma união. Essa permanência traduz uma *koinwvía* (*koinonia*), isto é, uma amizade, uma comunhão íntima, uma sociedade; ou ainda, estar entrelaçados um no outro — numa comunhão ou sociedade mística, mas no entanto real e empírica. Isto é necessário para que o cristão possa experimentar essa condição ilimitada de pedir e receber.

A segunda diretriz, trata-se do que se convencionou chamar de “*oração modelo*” — O Pai Nosso. Nela, encontra-se, entre outros elementos, a ênfase na prática do perdão mútuo, aspecto essencial na espiritualidade cristã. Ao prefaciar o ensinamento com as palavras: “Portanto, orai deste modo” (Mt 6:9, BÍBLIA, 1998, p. 1713), Jesus não prescreve um ritual fixo, mas propõe um método interior de oração, conforme indica a expressão “deste modo” transliterada do termo grego *οὕτως* (*houtōs*), que, segundo estudiosos, não prescreve uma repetição mecânica, mas aponta para um modelo de estrutura e intenção espiritual. Nessa linha, Brandt e Bicket (2007, p. 196), afirmam que “Jesus estava dizendo: ‘Deixem-se guiar por estes princípios gerais quando forem orar’”; ou seja, a oração do Pai Nosso deve ser compreendida como uma diretriz teológico-devocional, e não como um mero formulário litúrgico.

Neste ponto, Paul Tillich (1952, p. 238) oferece uma perspectiva crítica sobre a utilização da oração modelo de forma meramente litúrgica. O teólogo adverte que “a oração litúrgica frequentemente torna-se mecânica ou incompreensível, ou ambas”, acrescentando que “esse foi o destino até mesmo da Oração do Senhor”. Observa ainda que, ao transformar o exemplo dado por Jesus em lei litúrgica, a Igreja corre o risco de esvaziar o dinamismo existencial que o ato de orar contém. Sua observação ecoa como advertência contra a formalização do sagrado, isto é, contra o perigo de transformar o gesto espiritual em hábito sem alma.

A terceira instrução trazida por Jesus de Nazaré diz respeito à “*Motivação correta*”. Tal orientação encontra-se no evangelho de Mateus 6:5-8 “E quando orardes, não sejais como os hipócritas; porque eles gostam de orar pondo-se em pé nas sinagogas...” (BÍBLIA, 1998, p. 1713). O conteúdo do ensino é claro: para ser eficaz, a oração deve ter como origem um motivo adequado. Assim, a motivação correta constitui o primeiro critério fundamental para a autenticidade da prática oracional.

A oração que emerge de um desejo de autopromoção ou da obtenção de reconhecimento social não se configura como verdadeira oração, mas como uma expressão de vaidade e exaltação do ego. Para obter aceitação junto ao Pai, a oração deve ser dirigida aos ouvidos de Deus. Jesus apresenta, nesse contexto, três admoestações essenciais, que visam preservar a integridade espiritual do ato de orar: (1) orar sem chamar a atenção para nós mesmos (Mt 6:5); (2) orar em secreto (Mt 6:6); e (3) orar evitando repetições vazias, desprovidas de sentido (Mt 6:7-8).

O quarto ensinamento concernente à prática da oração, diz respeito a “*Oração por cooperadores*” da obra religiosa. Há quem afirme que o único pedido explícito de oração deixado por Jesus à comunidade de fé encontra-se nas palavras registradas em Mateus 9:36-38: “Ao ver a multidão teve compaixão dela, porque estava cansada e abatida como ovelhas sem pastor. Então disse aos seus discípulos: ‘A colheita é grande, mas poucos os operários! Pedi, pois, ao Senhor da colheita que envie operários para a sua colheita’” (BÍBLIA, 1998, p. 1720). Essa exortação reaparece em Lucas 10:2, reiterando a urgência da oração por trabalhadores para a missão.

Em outra oportunidade, Jesus admoestou: “[...] Erguei vossos olhos e vede os campos: estão brancos para a colheita” (Jo 4:35, BÍBLIA, 1998, p. 1852), sugerindo a

iminência do trabalho evangelístico. Brandt e Bicket (2007, p. 205), ao tratarem da oração pelos cooperadores, afirmam que tal prática fundamenta-se na percepção da escassez de obreiros comprometidos com a difusão da mensagem cristã. Para os autores, interceder por trabalhadores não é apenas uma recomendação devocional, mas uma exigência que decorre da própria missão eclesial.

Além disso, os autores sublinham que “A oração é a qualificação primária de todo e qualquer obreiro do evangelho; ser um indivíduo de oração é essencial para quem deseja servir eficazmente na seara do Senhor” (Brandt; Bicket, 2007, p. 205). Essa perspectiva ressalta que a oração não apenas sustenta a missão, mas também molda o caráter dos que nela se engajam, tornando-os sensíveis à direção divina e capacitados para enfrentar os desafios do ministério.

A “*Oração com persistência*” é a quinta diretriz fornecida por Jesus. Essa instrução é particularmente evidenciada nas parábolas do amigo importuno (Lc 11:5-8) e do juiz injusto (Lc 18:1-7), por meio das quais se sublinha a importância da persistência diante de Deus. As passagens ilustram a exortação de Jesus quanto à insistência na prática da súplica: “Pedi e vos será dado; buscai e achareis; batei e vos será aberto; pois todo o que pede recebe; o que busca acha e ao que bate se lhe abrirá” (Mt 7:7-8, BÍBLIA, 1998, p. 1715). Brandt e Bicket, entendem que o sentido da perícope de Mateus é ser uma ordenança ao ato de orar sem cessar. Interpretam ainda que se deve “Continuar pedindo, até receberdes; continuai buscando, até encontrardes, continuai batendo, até que vos seja aberta a porta” (2007, p. 206).

Tal compreensão converge com a leitura fenomenológica de Mircea Eliade (1992, p. 16) para quem a persistência na oração manifesta uma disposição existencial de abertura ao sagrado. Orar continuamente é permanecer na esfera do Mistério, recusando o fechamento do espírito diante do cotidiano. Já Tillich (2005, p. 107), por sua vez, aprofunda o sentido ontológico desse gesto: “A oração muda a situação não em si mesma, mas na medida em que ela muda aquele que ora e a sua relação com a situação”. A perseverança oracional, portanto, não atua sobre o mundo exterior, mas sobre a interioridade do sujeito — é transformação do ser diante do fundamento do Ser. Ele recusa a leitura mágica da oração e a reconduz ao seu núcleo ontológico:

orar é participar da realidade última, e persistir em oração é habitar essa realidade até que o ser se harmonize com o Ser.

A sexta e última orientação de Jesus de Nazaré concernente à prática da oração refere-se à sua associação com o jejum “Oração combinada com jejum”. Embora seus ensinamentos sobre esse binômio não sejam extensos nos evangelhos sinópticos, é possível extrair diretrizes significativas. Apesar d’Ele ressaltar a importância dessa prática quando se preparava para cuidar de casos difíceis, sua única instrução direta trata mais com os motivos para o jejum do que com procedimentos e diretrizes. Contudo, sua principal preocupação, conforme registrada em Mateus 6:16-18, volta-se prioritariamente à crítica da motivação hipócrita associada ao jejum ostentatório. A prática da oração associada ao jejum deve resultar numa intensificação da percepção espiritual e do fortalecimento da fé.

Em linhas gerais, as cinco diretrizes da oração — adoração, comunhão, confissão, contrição e persistência — configuram um itinerário espiritual que conduz o ser humano à experiência do divino. Cada uma delas revela um aspecto essencial do diálogo entre o finito e o infinito, em que a linguagem se torna mediação do sagrado. Na adoração, o coração reconhece a grandeza de Deus; na comunhão, participa-se de Sua presença; na confissão e contrição, reencontra-se com a verdade e a misericórdia; e na persistência, aprende-se a permanecer fiel. A oração, assim, ultrapassa a palavra e se torna modo de ser — um estado de abertura, escuta e transformação. Nela, o humano é continuamente recriado pela presença que invoca e sustentado pela graça que o chama a permanecer.

4 AS INSTRUÇÕES DE KENNETH HAGIN SOBRE A ORAÇÃO

O grande líder norte-americano da confissão positiva foi o evangelista e pastor batista Kenneth Erwin Hagin, nascido em 20 de agosto de 1917, em McKinney, no Estado do Texas, Estados Unidos da América. A ausência de uma biografia oficial acerca de sua trajetória nos obriga a recorrer, prioritariamente, aos seus próprios relatos, disseminados por meio de livros e pregações, nos quais são narradas suas epifanias, experiências pessoais e convicções religiosas.

Alan B. Pieratt em sua obra *O evangelho da prosperidade: análise e resposta* (1993, p. 62), destaca que “a confissão positiva atua em ambas as direções: é a dádiva **por meio da qual** a saúde e a prosperidade são recebidas...” (**grifo nosso**) indicando o deslocamento da oração de um espaço contemplativo para um ato de enunciação eficaz, onde crer e declarar se tornam gestos equivalentes. De modo complementar, Ricardo Mariano amplia essa compreensão ao definir a confissão positiva como uma modalidade de crença na qual “os cristãos detêm o poder de trazer à existência, para o bem ou para o mal, o que se declaram, confessam, decretam ou ainda determinam com a boca em voz alta” (2012, p. 152). Neste ponto, a oração perde o **caráter de súplica** e assume a forma de decreto simbólico, tornando-se linguagem de poder — uma tentativa de reconfigurar o mundo pela palavra pronunciada; em uma abordagem teórica divergente da compreensão de Tillich (2005, p. 107) à luz do que foi exposto. Em contraste com essa ênfase radical na 'linguagem de poder' e na reconfiguração da realidade, outras perspectivas pentecostais, particularmente aquelas mais alinhadas ao pentecostalismo clássico ou a correntes de renovação carismática mais tradicionais, podem enfatizar a oração primordialmente como um ato de entrega e dependência da soberania divina (cf. Cecil M. Robeck Jr., que sublinha a centralidade da experiência do Espírito, mas sem um foco exclusivo na manipulação de circunstâncias). Para estes, a oração, mesmo quando expressa em línguas ou com fervor carismático, busca harmonizar a vontade humana à vontade de Deus, e não primariamente 'ativar' ou 'decretar' resultados. A intercessão, por exemplo, muitas vezes foca em suplicar por intervenção divina com base na misericórdia de Deus, e não na capacidade do crente de 'destravar o céu' por meio da declaração verbal. Há, portanto, um debate interno nestes movimentos sobre os limites da agência humana na oração e o reconhecimento da inescrutabilidade dos caminhos divinos, mesmo em meio à fé na intervenção sobrenatural.

A crença na Confissão Positiva determinou, no contexto evangélico pós-moderno, novas modalidades de realização da oração, especialmente entre os grupos neopentecostais. Na concepção de Hagin, a oração deve ser efetuada de modo que “destrave o céu”. O uso do nome de Jesus constitui o acesso privilegiado ao coração do Pai. Para o autor da Obra *A oração que prevalece para a paz*, existe uma chave que destrava as portas e janelas dos céus e satisfará todas as nossas necessidades (2005, p. 16). Explicitada em João 16:23-24: “Nesse dia, nada me perguntares. Em

verdade, em verdade, vos digo: o que pedirdes ao Pai, em meu nome ele vos dará. Até agora, nada pedistes em meu nome, pedi e recebereis para que a vossa alegria seja completa" (BÍBLIA, 1998, p. 1885), a chave "Pedi ao Pai em meu Nome" possibilita uma nova leitura de fé como ato criador de realidade.

Em que consiste ao assunto, o expoente dos ensinamentos da confissão positiva oferece aos cristãos pentecostais e neopentecostais, instruções acerca da oração, no Novo Testamento, que devem ser dirigidas ao divino — Deus — tendo Jesus como mediador destas. Para Hagin, aprender a orar com eficiência é uma das tarefas mais relevantes que o cristão pode fazer. Ademais, a oração que prevalece deve estar firmemente alicerçada na Palavra de Deus.

Sob o título *Sete passos para a oração atendida*, ele apresenta os aspectos fundamentais da oração eficaz, aquela que produz resultados. O autor adverte que se o cristão seguir fielmente esses passos quando realizá-la, poderá ter certeza de obter sua resposta (2005, p. 7). Embora Hagin assegure a obtenção da resposta através da fiel observância destes passos, é importante notar que a expectativa de resultados imediatos e garantidos nem sempre encontra eco em todas as correntes pentecostais e neopentecostais. Muitos teólogos e praticantes de linha mais clássica, ou mesmo dentro de um neopentecostalismo mais moderado (como Walter Hollenweger, que enfatiza a narrativa e a experiência como fundamentais, mas critica a instrumentalização da fé), ressaltam que a fé em Deus não anula a realidade do sofrimento ou a complexidade dos propósitos divinos. A oração, para eles, mesmo que poderosa, não se converte em uma fórmula mecânica, e a ausência de uma resposta imediata ou desejada é frequentemente interpretada como um chamado à perseverança, à confiança na sabedoria divina em meio a mistérios, ou à compreensão de que os caminhos de Deus podem ser mais amplos do que as expectativas humanas. Essa perspectiva, portanto, busca equilibrar a fé na intervenção divina com uma teodiceia mais robusta diante da experiência do mal e da espera.

Em oposição à perspectiva de Hagin, Tillich apresenta sua concepção de absoluta dependência da providência divina; um dos pontos altos de sua teologia sistemática onde realizou uma discussão sobre a realidade de Deus. A oração, nesse horizonte,

é interpretada pelo filósofo como expressão da criatividade diretiva de Deus, mas que a forma adotada para esta criatividade pode ser a rejeição completa do conteúdo manifesto da oração (2005, p. 272).

Quanto as orientações de Hagin, o primeiro passo para uma oração atendida é: *Resolva o que você deseja da parte de Deus*. A determinação é a essência desse princípio. Não há espaço para dúvidas; o homem que tem dúvida demonstra sua incapacidade de tomar decisão. Em síntese, é necessário ser específico diante de Deus quanto ao que se deseja e, sobretudo, pedir com fé, em consonância com o ensino bíblico expresso em Tiago 1:6-8: “Contanto que peça com fé, sem duvidar, porque aquele que dúvida é semelhante às ondas do mar, impelidas e agitadas pelo vento. Não pense tal pessoa que receberá alguma coisa do Senhor, dúvida e inconstante como é em tudo que faz” (BÍBLIA, 1998, p. 2107).

Encontre textos bíblicos que respaldem a sua oração é a segunda instrução apresentada. Se a Bíblia não promete aquilo que se está buscando, o fiel não possui legitimidade espiritual para solicitá-lo. O êxito da oração está intrinsecamente condicionado à centralidade da Palavra de Deus, que deve ocupar primazia absoluta na prática devocional. Ele enfatiza que: “Nas questões de orientação, perscrute as Escrituras para observar o que Deus tem a dizer a respeito de qualquer situação. Sua palavra revela claramente a Sua vontade” (2005, p. 8).

O terceiro passo consiste na afirmação: *Peça a Deus as coisas que você deseja*. Deve-se realizar uma Oração de Petição, a qual precisa ser uma **oração de fé**. O cristão, ao orar, precisa crer de forma convicta que receberá aquilo que está solicitando. A fé, nessa perspectiva, é comparada a um veículo que você dirige; quando orar e quanto mais fé você tiver, mais rápido poderá se mover em sua direção à sua resposta. O autor assevera: “Se você fizer assim, receberá aquilo que você pediu. Deus se interessa pelas nossas necessidades, e Ele quer satisfazê-las para nós” (2005, p. 50). Essa compreensão encontra respaldo na mensagem do Evangelho de Mateus 7:7-8, onde afirma: “Pedi e vos será dado; buscai e achareis; batei e vos será aberto; pois todo o que pede recebe; o que busca acha e ao que bate se lhe abrirá” (BÍBLIA, 1998, p. 1715).

A quarta orientação está intrinsecamente vinculada ao terceiro passo: *Creia que você recebe*. Hagin distingue dois tipos de verdade: a verdade baseada no conhecimento dos sentidos e a verdade de natureza revelacional. Esta se refere ao que se encontra na dimensão espiritual, conforme atestado na epístola de Efésios: “[...] que nos abençoou com toda a sorte de bênçãos espirituais, nos céus, em Cristo” (1:3, BÍBLIA, 1998, p. 2039). A interpretação inferida desse versículo permite compreender que “aquilo que está na dimensão espiritual fica sendo real na dimensão material, mediante a fé. A fé capta e cria a realidade dele na nossa vida” (HAGIN, 2005, p. 9). O indivíduo natural, guiado unicamente pela razão e pelos sentidos, é incapaz de apreender essa “realidade”. Por este motivo, ele orienta que os cristãos devem viver segundo os princípios da fé, e não segundo aquilo que é percebido pelos sentidos visíveis.

A quinta diretriz para a oração atendida é: *Recuse-se a duvidar*. Esse princípio enfatiza a importância da vigilância mental e espiritual. A mente deve estar continuamente resguardada pelas verdades das Escrituras, de modo que os pensamentos estejam alinhados à confissão de fé. O crente é orientado a fixar sua atenção na certeza de que já recebeu, pela fé, aquilo que solicitou em oração. Não há espaço, portanto, para pensamentos contraditórios ou que enfraqueçam a convicção espiritual. Ele exorta seus leitores a fortalecerem o espírito, cultivando uma mentalidade renovada e alicerçada na Palavra de Deus; condição indispensável para a manifestação da resposta divina. Contudo, a rigidez na 'recusa à dúvida' proposta por Hagin pode ser matizada por outras visões pentecostais e neopentecostais que reconhecem a legitimidade das lutas de fé e dos momentos de incerteza. Para alguns teólogos pentecostais, como Amos Yong (que explora a dimensão experiencial e epistêmica da fé), a dúvida não é necessariamente um inimigo a ser totalmente suprimido, mas pode ser um catalisador para um aprofundamento da fé e da dependência de Deus. Nestes contextos, a fé é vista como uma jornada contínua que inclui questionamentos, os quais, quando entregues a Deus em oração, podem fortalecer o vínculo e a resiliência espiritual, em vez de serem obstáculos intransponíveis à 'resposta divina'. A 'confissão de fé' pode, então, coexistir com a 'confissão de fraqueza' ou 'confissão de incerteza', abrindo espaço para uma espiritualidade mais autêntica e menos focada em um controle rígido do pensamento.

Meditar nas promessas é o sexto passo para a oração eficaz. Se o cristão definiu aquilo que deseja receber da parte de Deus, é necessária a prática constante da meditação nas Escrituras. Esta deve ocorrer “dia e noite” e especialmente em perícopes que ofereçam respaldo à petição formulada. Orienta que o fiel desenvolva uma imagem interior da promessa realizada, afirmando: “Faça um retrato mental de si mesmo, possuindo aquilo que pediu a Deus, e faça planos como se já fosse uma realidade” (HAGIN, 2005, p. 13). Tal postura reflete uma internalização da fé, na qual o fiel se apropria espiritualmente da bênção antes de sua manifestação no plano material.

O sétimo e último ensinamento apresenta-se por: *Dar a Deus o louvor*. Segundo Hagin, o passo conclusivo no processo da oração atendida consiste em elevar continuamente o coração a Deus, por meio da gratidão e do louvor. O princípio bíblico que sustenta tal orientação encontra-se em Filipenses 4:6 “Não vos inquieteis com nada; mas apresentai a Deus todas as vossas necessidades pela oração e pela súplica, em ação de graças” (BÍBLIA, 1998, p. 2052). Entende assim que as orações de petição e súplica, quando associadas a exaltar o divino através de “ações de graça” em um pensamento de adoração e gratidão pela benção concedida, traz o sucesso da oração atendida. Nesse sentido, cada súplica relacionada às necessidades individuais deve constituir-se em uma declaração de fé e louvor, jamais em uma expressão de incredulidade. Conforme ressalta: “Pensar pensamentos de fé e falar palavras de fé podem levar o coração, da derrota para a vitória” (HAGIN, 2005, p. 14).

Para Tillich, a ação de graças dirigida a Deus se configura como uma expressão autêntica de adoração e louvor, não se tratando, portanto, de um reconhecimento formal que imponha a Deus qualquer obrigação de conceder novos benefícios aos que demonstram gratidão (TILLICH, 2005, p. 640). Voltado à condição da providência divina, ele infere que quanto as petições e súplicas, aquele crê na providência não crê que uma atividade divina especial vá alterar as condições de sua finitude e de sua alienação (TILLICH, 2005, p. 272).

Em síntese, tanto na perspectiva neopentecostal de Kenneth Hagin quanto na ontologia teológica de Paul Tillich, a ação de graças emerge como dimensão fundamental da relação do crente com o divino. No primeiro, ela se apresenta como

expressão de fé ativa que potencializa a eficácia da oração; no segundo, como manifestação autêntica de adoração desvinculada de qualquer expectativa utilitarista. Independente de se originarem em pressupostos teológicos distintos, ambos reconhecem que a gratidão não visa manipular a vontade divina, mas antes, reposicionar o sujeito diante da realidade transcendente, seja na confiança pela intervenção esperada, seja na aceitação reverente da condição existencial humana diante da providência de Deus.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura conjunta das concepções de Brandt & Bicket, dos ensinamentos de Jesus Cristo e da doutrina de Kenneth Hagin permite-nos compreender a oração como o ponto em que se cruzam as dimensões teológica, fenomenológica e existencial da fé mística. Em Brandt e Bicket, a oração é comunicação revelacional, um diálogo sagrado entre Deus e o ser humano; mediado pela Palavra. Em Jesus, ela assume a forma de encontro filial, síntese entre adoração, dependência e confiança: a pessoa que ora é convidada a viver a oração como entrega e relação. Contudo, em Hagin, a oração desloca-se para o campo da expressão de fé atuante, na qual o verbo falado é veículo de criação e transformação.

Entendemos que essas perspectivas não se opõem, mas revelam estágios distintos de uma mesma busca — a de participar do poder e da presença divina. Para Brandt e Bicket, orar é escutar; em Cristo, é confiar; em Hagin, é declarar. Todas, no entanto, convergem na intuição de que a oração é o espaço onde o humano se reconhece diante do Mistério e onde a palavra se torna ponte entre o finito e o eterno.

No entanto, é fundamental pontuar que, embora compartilhem a intuição de que a oração é um espaço de encontro com o Mistério, a introdução de outras lentes pentecostais e neopentecostais, que divergem da radicalidade declarativa de Hagin, revela que os 'estágios distintos' podem também representar *tensões teológicas e fenomenológicas significativas*. Estas tensões residem, por exemplo, no balanço entre a soberania divina e a agência humana na oração, na compreensão do sofrimento e da providência divina, e na própria definição de 'resposta' à oração. Enquanto Hagin enfatiza a fé como uma ferramenta para a criação da realidade material e imediata,

outras correntes pentecostais e neopentecostais podem reforçar a oração como um meio de transformação interior, de alinhamento com a vontade de Deus em face das adversidades, ou de experiência mística do Espírito Santo onde a 'declaração' cede lugar à 'entrega' ou à 'adoração extática' desprovida de expectativas de controle. A palavra, nestes casos, não é apenas um instrumento de poder, mas um veículo de vulnerabilidade e comunhão profunda, refletindo a rica diversidade de expressões da fé carismática contemporânea.

Dessa forma, a oração é mais que um rito religioso, é um modo de ser: linguagem que adora, confessa, transforma e repousa na presença daquele que, sendo o Verbo, faz de toda a Sua palavra um sacramento do encontro.

Embora reconhecendo as limitações intrínsecas a tais perspectivas sobre a oração, este estudo objetiva também estimular investigações futuras acerca do tema, bem como de suas interfaces com a dimensão da espiritualidade humana.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Trad. Maria Luiza Jardim Amarante. Petrópolis: Vozes, 1999. Livro X, cap. 27.

AQUINO, Tomás de. **Suma Teológica**. Parte III, Suplemento, Questão 1, Artigo 1. Trad. Luiz João Baraúna. São Paulo: Loyola, 2001.

BÍBLIA. **Bíblia de Jerusalém**. Antigo e Novo Testamento. Tradução de vários autores. École Biblique de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2016.

BRANDT, Robert. L.; BICKET, Zenas. J. **Teologia Bíblica da Oração**: o espírito nos ajuda a orar. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

BROWN, Francis; DRIVER, S. R.; BRIGGS, Charles A. **The Brown-Driver-Briggs Hebrew and English Lexicon**. Peabody: Hendrickson, 1997.

CROATTO, José Severino. **As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião**. São Paulo: Paulinas, 2010.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ELIAS, Norbert. **A linguagem religiosa: ensaio sobre o discurso sagrado**. Lisboa: Edições 70, 2005.

HAGIN, Kenneth Erwin. **A oração que prevalece para a paz**: 26 lições sobre fé. Traduzido por Gordon Chown. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 2005.

HEILER, Friedrich. **Prayer: A Study in the History and Psychology of Religion**. Oxford: Oxford University Press, 1932.

KRISTENSEN, William B. **The meaning of religion: lectures in the phenomenology of religion**. The Hague: Martinus Nijhoff, 1960.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil.** São Paulo: Edições Loyola, 2012.

MCGRATH, Alíster. **Heresia: uma história em defesa da fé.** Trad. José Carlos Siqueira. São Paulo: Hagnos, 2014.

MOLTMANN, Jürgen. **O Espírito da vida: uma pneumatologia cristã.** São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulinas, 2002.

PIERATT, Allan B. **O evangelho da prosperidade: análise e resposta.** Trad. Robinson Malkomes. São Paulo: Vida Nova, 1993.

TILLICH, Paul. **Systematic Theology.** Chicago: University of Chicago Press, 1952.

TILLICH, Paul. **Teologia sistemática.** Três volumes em um. Traduzido por Gétulio Bertelli. São Leopoldo: Sinodal. São Paulo: Paulinas, 2005.

SILVA, Luiz Felipe. **Etimologia e espiritualidade: o sentido das palavras na experiência religiosa.** São Paulo: Paulus, 2012.